

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO NO ESTADO DO CEARÁ

# SIAMEC

EM REVISTA



EDITORA

Ano VII Nº 28  
Jan / Mar 2019

## RICARDO CAVALCANTE

Competência e  
dinamismo a serviço  
dos pequenos negócios





# HORA DE PASSAR O BASTÃO

Por **Fernando Ximenes**  
Cientista Industrial



**C**erta vez, ouvi de um amigo que “só existe um lado certo, o do bem, outro lado não é lado, é oportunismo, é maldade”. De minha parte penso que, com egoísmo ditador ninguém é vencedor; sem passar o bastão, tudo fica antidemocrático, não competitivo, sem esfera e sem lado.

Em qualquer time todos os jogadores fazem parte de um lado só, se conduzem segundo planejamento único. Se houver discórdia, o time não vence, não existe união, não existe passe, e a bola ou o bastão não conclui a jogada. O time não será campeão.

A necessidade de passar o bastão no associativismo constitui o meio de organizar grupos democráticos, alternando lideranças e participações voluntárias de interesses comuns, econômicos e autossustentáveis. Isso acende as chances de novas ideias, da consciência e inovação individual e do direito individual em prol do sucesso coletivo, gerando, na necessidade, alternativa viável

de agregação e conjugação de métodos, ideias, projetos, atividades e esforços para o desenvolvimento de todos. E em parceria com entidades representativas do setor, instituições de ensino, pesquisa e extensão e organismos governamentais, tudo visando levar capacitação tecnológica, cooperação e estímulo à competitividade, para conclusão, consolidação e execução de projetos.

Isso possibilita aos pequenos indivíduos – donos das ideias –, do micro ao macro empresário, funcionários públicos ou contribuintes, um caminho e mecanismo efetivo para participar do mercado em melhores condições produtivas, de aquisições e de concorrências, para o desenvolvimento comunitário, comercial, industrial, setorial, regional, federativo, territorial e internacional, com a cooperação formal, adequando e aproveitando ao máximo o potencial de todos. Dessa soma de esforços todos alcançarão sucesso e satisfação, onde o resultado final é certamente a lucratividade.



No cotidiano, é necessário que o bastão, ou a caneta, seja transferido para os sucessores, sejam eles herdeiros ou mesmo novos gestores. E quando isso não acontece, a família, a empresa, a instituição e até mesmo a nação, ficam fadados às mesmices tradicionalistas, paradas, sem novas ideias e sem novos ritmos, sem novas energias, sem aquela garra e entusiasmos pujante do novo patriarca, administrador da nova gestão. Ao contrário, cansamos de ver famílias, grupos empresariais, instituições, sindicatos ou grupos consorciados, clubes e associações, parados no tempo e na era, por anos, décadas, gerações, sem desenvolvimento, fadados à derrota, falência, aniquilação, sem sequer um bastão passar de mão.

As lideranças precisam ser renovadas, mudadas de mãos. Um líder inteligente deve passar o bastão para o “filho” mais capacitado, que deverá dar prosseguimento aos preceitos familiares, educativos, dentro de princípios éticos, vivências morais, tendo o orgulho de ser precursor, com a certeza de que seu legado será perpetuado. Na renovação se confirma o exercício histórico e responsável do desenvolvimento, se consolida o sucesso. Assim, o exemplo se repetirá para todos os times da vida, desde o paternal ao professor, que passa seu

bastão para o aluno pesquisador; das grandes esferas de presidentes institucionais, nacionais ou internacionais, à grandes líderes, que nunca deixarão de ser lembrados e assumem um novo bastão da supremacia. Portanto, são inteligentes, aqueles que passam seus bastões.

No popular, é preciso sangue novo, sem querer ferir aqueles que marcaram sua época, sua passagem e deixaram seu legado, mercedores de todas as honras e premiações. Mas, quero aqui chamar a atenção para os inúmeros casos que existem de certos líderes que, devido ao “amor” (ou melhor seria dizer apego) ao cargo, ao status quo, não querem passar o bastão, sem perceber que no mundo dinâmico atual estão travando e atrasando o ritmo e a velocidade daquele novo time que almeja ganhar o jogo e ser o primeiro do ranking no ritmo da vida.

Mas, metaforicamente, a sucessão natural não acontece quando não há troca de bastão nos espaços empresariais e/ou institucionais. Desse modo, das diversas transversais ao tecnológico as notas não casam, os acordes não surgem, o sangue coagula e o time não anda. Com isso, instituições e até mesmo nações, perdem sem que possam inovar e escutar o grito de campeão.





Já há algum tempo ganha ênfase um novo termo: “disrupção”. Mas poucos parecem entender que para a disrupção acontecer, para avançarmos no desenvolvimento, precisamos evoluir. Dos velhos tempos aos dias de hoje, foi preciso evoluirmos das caravelas aos navios; de encalharmos os baús na praia, entre coqueiros e muito sol, aos contêineres e guindastes; de estocar e armazenar em cabanas, aos gigantescos armazéns dos portos, bem montados com suas logísticas e transbordos; das pranchas de madeira às empilhadeiras; da prata ao aço e suas infinitas ligas metálicas; da tribo Tupí do Igarapé Pajeú, dos tempos que se chamava na origem da palavra Tupi Siri-Ará, do Forte Schoonenborch (Fortitudine) à grande Região Metropolitana de Fortaleza; da Ilha de Santa Cruz, Terra de Vera Cruz à grande e rica nação chamada Brasil e do Cabral aos presidentes de hoje.

Apesar de toda essa evolução, muito ainda temos que avançar para a cura econômica e o desenvolvimento sustentável. O Brasil passa por momentos de evolução incitante, porém dolorosa para a economia e a população. Embora em sintonia com as tendências culturais locais e internacionais, após várias crises econômicas,

políticas e eleição de um novo presidente. Novas eleições e novos eleitos, se pararmos para pensar, são “trocas de bastão”. E isto é benéfico para o desenvolvimento. A caneta tem que ser trocada de mão: das tribos aos partidos, das pajelanças às plenárias, dos ritos e rituais às tramitações e novas legislações.

Ah! Quanto evoluímos, em 519 anos. E quanto ficamos presos e parados, perdendo tempo durante a monarquia, o império, a velha república, as ditaduras, tudo por causa do egoísmo oportunista, interessado na permanência do interesse do bastão. Quanto ainda vamos evoluir, neste Brasil, com a nova república democrática e com as renovações de punhos que se iniciam a partir da troca do bastão presidencial.

Toda evolução acontece e sempre acontecerá, quando se passa e se repassa o bastão, a caneta e a liderança da gestão. Com isso, flui o desenvolvimento econômico, o conforto humano e social, e uma nova era surgirá, brilhante em todos os meios, ambientes e fins, concretizando um futuro promissor e um novo amanhã.

Você que muito participa e quer o desenvolvimento natural exponencial, já passou seu bastão multiplicador e pegou um novo supremo? ✨